

PLATÃO

Fedro

Tradução de Edison Bini e Albertino Pinheiro
São Paulo, 2010

Folha de São Paulo
Coleção Livros que Mudaram o Mundo

[...] SÓCRATES: Discorremos o suficiente a respeito da arte do discurso e acerca daquilo a que falta arte.

FEDRO: Com certeza.

SÓCRATES: Mas nos resta ainda abordar a questão da propriedade e impropriedade no escrever, como deve ser produzido [o escrever próprio] e como se apresenta o impróprio, não é mesmo?

FEDRO: Sim.

SÓCRATES: Conheces a melhor maneira de agradar os deuses ao agires ou falares envolvendo isso a arte do discurso?

FEDRO: De modo algum. E quanto a ti?

SÓCRATES: Posso revelar alguma coisa que ouvi dos antigos, embora se é verdadeiro só eles sabiam. Entretanto, se pudermos descobri-lo nós mesmos, haverá razão para continuar-mos a nos importar com opiniões humanas?

FEDRO: Essa seria uma pergunta ridícula. Mas relata-me o que declaras ter ouvido.

SÓCRATES: O que ouvi foi que em Naucratis, no Egito, havia um dos antigos deuses daquela nação, ao qual a ave consagrada é chamada de Íbis, sendo o nome desse próprio deus Thoth. Foi ele que primeiramente concebeu os números, o cálculo, a geometria e a astronomia, além do jogo de damas, os dados e — o mais importante de tudo — as letras. Ora, o rei de todo o Egito naquela época era Tamos, que vivia na megalópole da região superior chamada pelos gregos de Tebas egípcia, chamando estes o próprio deus de Amon. A este dirigiu-se Thoth para mostrar suas invenções, alegando ele que

deviam ser distribuídas entre os outros egípcios. Tamos, entretanto, perguntou-lhe acerca dos usos de cada uma delas e à medida que Thoth indicava seus usos exteriorizou louvor ou censura, com base em sua aprovação ou reprovação. A história relata que Tamos declarou muitas coisas a Thoth elogiando ou censurando as várias artes, o que seria excessivo aqui repetir; todavia, quando ele apresentou as letras, no dizer de Thoth: "Isto, ó rei, uma vez aprendido tornará os egípcios mais sábios e aprimorará suas memórias: trata-se de uma poção para a memória e a sabedoria por mim descoberta". Tamos, contudo, respondeu: "Sumamente engenhoso Thoth, uma pessoa é capaz de conceber as artes, mas a capacidade de julgar de sua utilidade ou nocividade aos que farão uso delas cabe a uma outra pessoa. E tu, agora, pai das letras, foste levado pelo afeto a elas a conferir-lhes um poder que corresponde ao oposto do poder que elas realmente possuem. O fato é que essa invenção irá gerar esquecimento nas mentes dos que farão o seu aprendizado, visto que deixarão de praticar com sua memória. A confiança que passarão a depositar na escrita, produzida por esses caracteres externos que não fazem parte deles próprios, os desestimulará quanto ao uso de sua própria memória, que lhes é interior. O que descobriste não é uma poção para a memória, mas sim para a evocação; proporcionarás aos teus discípulos a aparência da sabedoria, mas não a verdadeira sabedoria, porque lerão muitas coisas sem se instruírem, com o que parecerão conhecer muitas coisas, mas na realidade permanecerão majoritariamente ignorantes, incapazes de acompanhar essas matérias, visto que não são sábios, mas tão só parecem ser sábios".

FEDRO: Sócrates, crias com facilidade histórias do Egito ou de qualquer outro país que queiras.

SÓCRATES: Costumavam dizer, meu amigo, que as palavras do carvalho no templo de Zeus em Dodona foram as primeiras profecias. As pessoas daquele tempo, não sendo tão sábias quanto vós,

jovens de hoje, satisfaziam-se em sua simplicidade em ouvir um carvalho ou uma rocha, contanto apenas que proferissem a verdade. Para ti, entretanto, talvez faça diferença quem é o orador e qual a origem deste. Por que, a despeito disso, não te limitas a considerar se o que ele diz é certo ou errado?

FEDRO: Tu me repreendes com justiça e penso que o tebano está certo quanto ao que diz respeito às letras.

SÓCRATES: Assim, aquele que julga que legou instruções escritas com referência a qualquer arte, tanto quanto aquele que as herda alimentando a crença de que a escrita pode inevitavelmente gerar resultados claros e certos são pessoas inteiramente ingênuas e, na verdade, ignorantes da profecia de Amon se pensam que as palavras escritas têm uma serventia que vai além de fazer lembrar aos que já têm conhecimento do objeto do que foi escrito.

FEDRO: Isso está inteiramente correto.

SÓCRATES: A escrita, Fedro, apresenta esse estranho aspecto, e nisso verdadeiramente muito se assemelha à pintura. De fato, os rebentos da pintura se colocam como se fossem seres vivos, mas se alguém lhes indaga alguma coisa, permanecem num solene silêncio. O mesmo ocorre com as palavras escritas: é possível que imaginasses que falam como se possuíssem algum entendimento, mas se tu as interrogares, no anseio de conhecer o que dizem, se limitarão a dizer sempre uma só e mesma coisa. Uma vez uma palavra escrita haja sido registrada, é arremessada para lá e para cá, de maneira indiscriminada entre os que têm entendimento e entre os que não têm nenhum interesse nela, ignorando ela, ademais, a quem se dirigir ou não se dirigir. E quando é maltratada e objeto de um ataque injusto, necessita invariavelmente do apoio de seu pai, já que sozinha carece de capacidade para proteger-se ou prestar socorro a si mesma.

FEDRO: A respeito disso também estás inteiramente certo.

SÓCRATES: Mas diz-me agora: não há um outro tipo de discurso, ou seja, de palavras, que se revele como sendo o legítimo irmão desse bastardo quer na forma em que foi gerado, quer na sua natureza aprimorada e mais capaz?

FEDRO: Mas que discurso é esse e como achas que é gerado?

SÓCRATES: Trata-se de um discurso que é escrito com conhecimento na alma do aprendiz, discurso esse capaz de prover sua própria defesa e que esrá ciente quanto a quem deveria dirigir-se e diante de quem se conservar silencioso.

FEDRO: Tu te referes à palavra viva e animada da pessoa que conhece, da qual a palavra escrita pode, com justiça, ser considerada a imagem.

SÓCRATES: Exatamente. Agora me diz o seguinte: um agricultor sensato, que dispõe de uma quantidade de sementes pelas quais zela e com as quais tenciona produzir frutos, as plantaria movido por um sério propósito durante o calor do verão em algum jardim de Adónis, enchendo-se de júbilo por vê-las oito dias depois frutificar com beleza, ou o faria — na hipótese de realmente o fazer — somente a título de gracejo e para divertir-se? Quando agindo com seriedade, não obedeceria às regras da agricultura, plantando suas sementes em solo apropriado, aguardando oito meses para regozijar-se com a perfeição do que semeou?

FEDRO: É verdade, Sócrates. Ele agiria, como dizes, desse modo quando adotasse uma postura séria, e do outro modo somente para divertir-se.

SÓCRATES: E esariamos autorizados a supor que aquele que tem o conhecimento do justo, do belo e do bom é menos sensato no que respira às suas sementes do que o agricultor?

FEDRO: De modo algum.

SÓCRATES: Consequentemente não os escreverá, quando numa postura séria, com tinta, semeando-os através de uma pena com palavras incapazes de efetuar sua própria defesa à força de argumentos, bem como incapazes de ministrar adequadamente a verdade.

FEDRO: Provavelmente não.

SÓCRATES: Positivamente não. Quando escrever, é provável que semeará jardins de letras com o intuito de divertir-se, armazenando para si mesmo lembretes para quando atingir a propensão ao esquecimento da velhice, e para todos aqueles que quiserem seguir seus passos, e ele se sentirá feliz ao ver esses jardins fazendo brotar folhas tenras. E quando outros se comprazem com outras diversões, fruindo de banquetes e entretenimentos similares, ele consumirá seu tempo com esses prazeres que descrevi.

FEDRO: Uma nobre diversão, Sócrates, e que contrasta com os prazeres vulgares é essa diversão de alguém capaz de extrair prazer do discurso, narrando histórias sobre a justiça e os demais temas que mencionas.

SÓCRATES: Sim, meu caro Fedro, é o que é. Mas, a meu ver, o discurso sério em torno desses temas é sumamente mais nobre, ocorre quando alguém emprega a arte da dialética, plantando e semeando numa alma apropriada o discurso do conhecimento, discurso simultaneamente capaz de auxiliar a si mesmo e aquele que o plantou

— discurso que não é estéril, mas que gera uma semente da qual mais discurso é cultivado em outras mentes, instaurando um processo interminável e eterno que promove a felicidade do detentor do discurso ao grau máximo possível alcançável pela felicidade humana.

FEDRO: De fato, isso é sumamente mais nobre.

SÓCRATES: E agora, Fedro, visro que alcançamos um consenso acerca dessas matérias, estamos em condições de deliberar a respeito das outras.

FEDRO: Que outras?

SÓCRATES: Em primeiro lugar as que nos conduziram a esse ponro por força de nosso desejo de investigá-las, uma vez que quisemos submeter a um exame o ataque feito a Lísias como escritor de discursos, bem como discutir os próprios discursos e apurar quais são produtos da arte e quais não são. Tenho comigo que mostramos com muita clareza o que é e o que não é uma obra de arte.

FEDRO: É também o que penso, mas peço-te que me lembres o que foi dito.

SÓCRATES: É necessário que um indivíduo conheça a verdade acerca de todas as coisas particulares sobre as quais discursa ou escreve; também é necessário que esteja habilitado a definir todas as coisas separadamente; em seguida, uma vez as haja ele definido, terá que estar em condições de proceder à sua divisão por classes até torná-las indivisíveis. De modo análogo, é preciso que ele compreenda a natureza da alma, descubra a classe de discurso que se ajusta a cada natureza, organize e ordene seu discurso em consonância com isso, proporcionando discursos elaborados e harmoniosos às almas complexas, e simples conversações às almas simples. Enquanto não

executar tudo isso, não se capacitará a empregar o discurso com arte, na medida em que se possa controlar metodicamente um discurso, quer com propósitos de ensino, quer com propósitos de persuasão. Isso foi consubstanciado por toda nossa discussão anterior.

FEDRO: Plenamente. Foi precisamente esse o resultado.

SÓCRATES: E quanto à questão de se é nobre ou vil ser um orador e escritor de discursos e sob quais condições a própria profissão pode ser, com justiça, classificada como vergonhosa ou não? Será que isso foi esclarecido há pouco tempo quando dissemos...

FEDRO: O quê?

SÓCRATES: Que se Lísias ou qualquer outra pessoa algum dia escreveu, ou realmente escreve em caráter privado ou público, no processo de apresentação de alguma lei, um documento político com a convicção de incorporar claro conhecimento de relevância duradoura, esse escritor atrairá merecidamente para si a vergonha, quer alguém declare tal coisa ou não. De fato, não estar ciente do que diferencia uma imagem onírica do que é justo e injusto, do que é bom e mau, da realidade do justo e injusto, do bom e mau, verdadeiramente constitui fundamento, de maneira inevitável, para o vergonhoso, mesmo que toda a multidão o aplauda em uníssono.

FEDRO: Isso é verdade.

SÓCRATES: Entretanto, aquele que julga que há na palavra escrita necessariamente muito de jocoso, e que nenhum discurso escrito, quer em verso, quer em prosa, merece ser encarado com muita seriedade - e isso se aplica também às recitações dos rapsodos, que são proferidas com o exclusivo fito de convencer as mentes dos membros da multidão, sem espaço para questionamento e ensinamento — mas

que os melhores entre eles se limitam a servir de lembretes para o que já sabemos; e que julga que somente no discurso que versa sobre a justiça, a beleza e a excelência e que é proferido por mestres no interesse da instrução, e efetivamente numa alma, representa clareza, perfeição e avaliação séria, que tais palavras devam ser tidas como a própria autêntica prole do orador, em primeiro lugar o discurso no interior dele mesmo - se aí puder ser encontrado - e, em segundo lugar, os descendentes ou irmãos desse discurso que possam ter brotado de um honroso modo em almas alheias, e que não atentam para outros discursos — essa pessoa, ó Fedro, provavelmente é como eu e tu oraríamos para nos tornar.

FEDRO: Para todos os efeitos é por isso que anseio e oro.

SÓCRATES: Bem, divertimo-nos numa conversação a respeito do discurso tempo suficiente. Agora cabe a ti dirigir-se a Lísias e comunicar-lhe que tu e eu visitamos a fonte e morada sagrada das ninfas e ouvimos palavras que elas nos orientaram a transmitir a Lísias e a toda outra pessoa que compôs discursos, a Homero ou a qualquer outro que haja composto poesia com ou sem acompanhamento musical e, em terceiro lugar, a Sólon e quem quer que tenha escrito documentos políticos denominados por ele leis; se escreveu munido do conhecimento da verdade, se é capaz de defender o que escreveu numa discussão quando contestado, e mostrar o poder de exibir mediante o seu próprio discurso que as palavras escritas têm pouco valor, não deve fazer jus a um título com base nesses escritos, mas sim da séria busca que está por trás deles.

FEDRO: E que títulos conferirias a um tal homem?

SÓCRATES: Penso que a designação sábio, Fedro, seria excessiva, cabendo exclusivamente a um deus. Mas o nome filósofo, ou algo semelhante se lhe ajustaria melhor e lhe seria mais conveniente.

FEDRO: E inteiramente apropriado.

SÓCRATES: Por outro lado, se alguém não dispuser de algo mais valioso do que o que criou ou escreveu, restringindo-se a mover suas palavras ao seu bel prazer, adicionando uma frase e retirando outra, incorrerias em acerto em designá-lo como um poeta, autor de discursos ou leis?

FEDRO: Certamente.

SÓCRATES: Pois comunica isso ao teu amigo.

FEDRO: E quanto a ti? O que farás? Decerto não devemos esquecer teu amigo.

SÓCRATES: A quem te referes?

FEDRO: Ao nobre Isócrates. Qual a mensagem que tu lhe transmitirás, SÓCRATES? O que diremos que ele é?

SÓCRATES: Isócrates é ainda jovem, Fedro. Mas dir-te-ei o que prevejo para ele.

FEDRO: E o que é?

SÓCRATES: A mim parece que, a julgar por sua natureza, tem condições de superar os discursos de Lísias, além do que possui um caráter mais nobre do que ele. Assim, não me surpreenderia em absoluto se, à medida que fica mais velho e prosseguindo compondo os discursos do tipo que escreve agora, reduza rodos os que algum dia tentaram compor discursos a serem comparáveis a crianças. E até suspeito que não se contentará com essa obra, passando a ser conduzido por um impulso mais divino a coisas mais grandiosas. De

fato, meu amigo, há alguma coisa da filosofia naturalmente presente na mente desse homem. Esta é a mensagem das divindades deste lugar que comunicarei ao meu querido Isócrates, enquanto tu comunicarás a outra a Lísias, o teu querido.

FEDRO: Isso será feito. Mas partamos agora, visto que o calor tornou-se menos inrenso.

SÓCRATES: Será que deveríamos fazer uma oração endereçada aos deuses daqui antes deirmos?

FEDRO: Claro que sim.

SÓCRATES: "Ó caro Pan e rodos vós demais deuses deste lugar, concedei-me que me rorne nobre e belo interiormente, e que todos os meus bens exteriores estejam em amigável harmonia com o que é interior. Que eu possa considerar o homem sábio, rico. E quanto ao ouro, que possa ter eu dele somente a quantidade que alguém moderado é capaz de suportar ou porrar consigo." Será que necessitamos de algo mais, FEDRO? Para mim creio ser essa súplica suficiente.

FEDRO: Permite-me também partilhar dessa súplica, pois amigos têm todas as coisas em comum.

SÓCRATES: Partamos.

PLATÃO. **Fedro**. in Coleção Livros que Mudaram o Mundo. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.